



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

“The war that never ends”: os sentidos da guerra nas canções do Metallica

Mônica Porto Apenburg Trindade^I

Confusion^{II}

All sanity is now beyond me

Delusion

All sanity is but a memory

My life, the war that never ends

(Hetfield & Ulrich. Confusion. In: Hardwired...To self destruct. EUA, 2016)

Resumo: O artigo objetiva demonstrar como os diversos sentidos atribuídos à guerra foram abordados em algumas canções da banda Metallica, em épocas distintas da sua trajetória. Sabendo que as guerras e conflitos que ocorreram no século XX, e ainda acontecem no século XXI se constituem como temas privilegiados da História do Tempo Presente, o trabalho busca compreender como o tempo vivido, ou o presente no qual esses artistas estiveram envolvidos no momento em que lançaram as canções, se relaciona com o passado através da memória e das lembranças de tal forma que essa relação afeta diretamente na maneira como esses artistas compuseram tais canções. Para tanto, o método da História Comparada oferece o suporte analítico no que se refere às canções escolhidas, auxiliando na percepção das diferenças, semelhanças, recorrências e singularidades dessas mudanças de sentido em torno das canções ao longo do tempo.

Palavras-Chave: Canções; História do Tempo Presente; Metallica; Mudanças; Sentido.

“The war that never ends”: the meanings of war in Metallica's songs

Abstract: This article aims to demonstrate how the different meanings attributed to the war were addressed in some songs by the band Metallica, at different times of their trajectory. Knowing that wars and conflicts that occurred in the 20th century and are still happen in the 21st century constitute privileged themes in the History of the Present Time, the work seeks to understand how the lived time or the present in which these artists were involved at the time they launched the songs, relates to the past through memory and memories in such a way that this relationship directly affects the way these artists composed these songs. For this, the Comparative History method offers analytical support regarding with regard to the chosen songs, helping to perceive the differences, similarities, recurrences and singularities of these changes in meaning around the songs over time.

Keywords: Songs; History of the Present Time; Metallica; Changes; Sense.

“THE WAR THAT NEVER ENDS”: OS SENTIDOS DA GUERRA NAS CANÇÕES DO METALLICA

TRINDADE, M.P.A.

Introdução

As guerras e os conflitos que perpassaram o século XX e adentraram também o século XXI, subsidiaram uma quantidade significativa de trabalhos historiográficos, haja vista o expressivo número de obras publicadas de acordo com esse tipo de enfoque. A própria criação do *Institut d' Histoire Du Temps Présent (IHTP)*, na década de 1980, ajudou a fomentar pesquisas cujas análises estivessem voltadas para um passado próximo no sentido de compreender sua origem, significado, ou seja, uma história onde o historiador investiga um tempo que é o seu próprio tempo, com testemunhas vivas e com uma memória que pode ser a sua^{III}.

Diante dessa realidade, o historiador do Tempo Presente buscava objetos específicos, temas voltados para o trágico relacionado às guerras, sobretudo, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e suas implicações, além dos totalitarismos que emergiram em meio ao ambiente fascista europeu e o comunismo que consistiram também como fenômenos sociais estudados por esse tipo de operação historiográfica. Esses fenômenos despertaram a atenção dos historiadores para aspectos relacionados à memória, no que tange principalmente, a ideia de um passado que não quer passar. No entanto, tais eventos, principalmente no que concerne às guerras e aos conflitos também se constituíram como tema central de algumas canções compostas por celebrados artistas do rock, a exemplo da banda norte-americana Metallica.

O Metallica

Formada em 1981 pelo vocalista e guitarrista James Hetfield (1963-), juntamente com o baterista Lars Ulrich (1963-), o guitarrista Dave Mustaine (1961-) e pelo baixista Ron McGovney (1962-), Metallica despontou no cenário do rock estadunidense à época, tornando-se anos depois, em um dos principais expoentes do gênero. Ao longo de quase quarenta anos de carreira a banda já gravou diversos álbuns entre trabalhos realizados em estúdio, ao vivo, através de EPs (Extended play), videoclipes, singles, entre outros. Abordando de maneira geral assuntos que envolvem revolta, desilusão, força, destruição, renascimento e humanidade, o tema guerra também aparece com certa frequência nas canções da Metallica.

Diante disso, procuramos refletir sobre qual tipo de recorrência de sentido em torno da guerra foi exibido pela banda através de algumas canções lançadas em diferentes épocas. Dito de outra forma, quais são os diversos sentidos da guerra presentes nas canções da banda Metallica? Para tanto, selecionamos três canções, gravadas a partir de diferentes álbuns, em décadas distintas dentro da trajetória da banda e que sinalizam para múltiplas perspectivas em torno do sentido da guerra. A fim de elaborar uma análise mais detalhada destas canções, buscamos apresentar as semelhanças, diferenças e o eixo entre as distintas temporalidades, adotando o aporte metodológico proposto pela História Comparada.

Desta feita, buscamos amparar o trabalho em autores como Marc Bloch^{IV}, que admite a História Comparada enquanto método sistematizado onde o historiador escolhe em meios sociais distintos, fenômenos semelhantes a um primeiro olhar, buscando identificar as semelhanças e diferenças entre eles e procurando desnaturalizar fatos históricos já pré-estabelecidos. Enquanto isso, Helder Ponte^V afirma que o método comparado proporciona ao historiador, estudar um mesmo tipo de fenômeno encontrado em lugares diferentes, analisando-o de maneira particular em cada local, para, a partir daí, verificar suas manifestações em realidades distintas captando os pontos comuns e divergentes entre elas. Ou seja, o que aparentemente representa um ponto de semelhança, pode resultar em respostas diferentes.

“THE WAR THAT NEVER ENDS”: OS SENTIDOS DA GUERRA NAS CANÇÕES DO METALLICA

TRINDADE, M.P.A.

Por último, através de José D’Assunção Barros^{VI} conseguimos verificar como elementos comuns em duas ou mais sociedades contíguas se modificam ao longo do tempo e sofrem influências recíprocas transformando-se mutuamente. Esse aspecto apresentado por Assunção, além de corroborar com as perspectivas de Bloch e Ponte, adverte para um fato importante. A História Comparada colabora para uma percepção mais ampla das diferentes realidades históricas a serem comparadas ou no que diz respeito à reciprocidade e influência mútua entre dois ou mais objetos.

Embora os autores atribuam à História Comparada o papel de contribuir para uma análise em torno das diferenças, semelhanças e singularidades entre duas ou mais sociedades distintas e suas múltiplas influências, o objetivo desse trabalho é perceber tais aspectos apontados dentro da perspectiva comparada, em relação às mudanças de sentido concernentes à guerra presentes em algumas canções da banda Metallica, que foram lançadas em épocas distintas ao longo da trajetória da banda.

Sendo assim, a primeira canção escolhida foi *One*, composta por James Hetfield e Lars Ulrich, é a quarta faixa do álbum *And Justice for All*, lançado em 1988. Ao escutarmos os primeiros segundos da canção podemos perceber uma série de efeitos sonoros que remete ao campo de batalha. Uma barragem de artilharia e helicópteros são ouvidos até que, por cima, é iniciado um solo de James Hetfield e Kirk Hammett (1962 -) de forma lenta e gradativa. A canção acelera após a entrada da bateria de Ulrich e continua assim até o coro, quando as guitarras se tornam pesadas e distorcidas, antes de voltarem a soar limpas.

Escrita ainda em 1987, *One* teve como inspiração o romance lançado em 1939, *Johnny Got His Gun* (Johnny Vai à Guerra), de Dalton Trumbo (1905 – 1976), que conta a história de um soldado cujo corpo é severamente danificado depois que ele é atingido pela artilharia alemã durante a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918). Seus braços, pernas, olhos, boca, nariz e orelhas se foram e ele não podia ver, falar, cheirar ou ouvir, entretanto, a sua mente continuou funcionando perfeitamente, deixando-o preso em seu próprio corpo. O livro foi suspenso de impressão por muitos anos durante a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria (1947 – 1991). Trumbo dirigiu a adaptação para o cinema em 1971, da qual foram extraídas as imagens que foram utilizadas no videoclipe da canção.

A narrativa exposta na canção demonstra um tom de revolta e indignação diante dos resultados nefastos deixados pela Grande Guerra na vida dos indivíduos que participaram ativamente desse conflito. Ao que parece, a intenção de Hetfield e Ulrich foi tentar resgatar um passado recente que ainda reverberava nas décadas posteriores, haja vista o mundo ter experimentado uma Segunda Grande Guerra e ainda estar vivenciando o período da Guerra Fria. A década de 1980, por exemplo, época em que a canção foi lançada, os Estados Unidos, tendo como presidente Ronald Reagan (1911 – 2004), manteve uma política de incentivo à corrida armamentista contra os soviéticos, conseguindo aprovar um exorbitante orçamento com gastos militares.

Os efeitos dessa política foram diversos, promovendo desde a retração da economia interna em outros investimentos até a polêmica instalação de armas na Europa. Foi mediante tal situação que os soviéticos interromperam o diálogo político com os EUA ao desaprovar o reaquecimento da corrida armamentista. Na América Latina, alguns países sofreram intervenções militares por conta do surgimento de governos não alinhados ao interesse norte-americano. Além disso, o governo Reagan propôs a execução do projeto “Guerra nas Estrelas”, que visava à construção de um escudo de mísseis que protegessem o território norte-americano.

Diante desse panorama, podemos perceber que havia um clima de tensão na sociedade estadunidense que remetia ao constante sentimento de conflito e guerra. No que diz respeito à

“THE WAR THAT NEVER ENDS”: OS SENTIDOS DA GUERRA NAS CANÇÕES DO METALLICA

TRINDADE, M.P.A.

canção *One*, ela aponta justamente para a necessidade de pensarmos no mundo em que o passado e presente sempre estarão interligados por uma série de fatores, que nos leva a uma melhor compreensão da nossa própria realidade, bem como no que tange a uma aprendizagem no sentido da não repetição de erros. Eric Hobsbawm^{VII} chama atenção para um importante aspecto que permeava o final do século XX,

A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio^{VIII}.

Portanto, o sentido da guerra transmitido através da canção indicada é de denúncia, de relembrar à sociedade que ela não precisa passar novamente pela dor e crueldade experimentada por estes jovens, a exemplo do personagem Johnny, que sentiu na própria pele o significado de participar ativamente de uma guerra, conforme verificamos nas seguintes estrofes da canção:

Não consigo me lembrar de nada.^{IX}
 Não posso dizer se isto é sonho ou realidade.
 Lá no fundo sinto que quero gritar.
 Este terrível silêncio me prende.
 Agora que a guerra acabou comigo.
 Eu estou acordado, e agora posso ver.
 Que não resta muito de mim.
 Nada é real a não ser a dor.
 Prendo minha respiração desejando a morte.
 Por favor, Deus, me acorde.
 (tradução nossa).

Em outro momento da canção, o tom de desabafo de um indivíduo que se depara com uma resignação forçada vivida no presente, por conta dos acontecimentos do passado, demonstra, mais uma vez, como a Metallica manifestou um sentimento de revolta e repúdio em torno da guerra:

De volta ao útero é real demais^X.
 Dentro pulsa a vida que tenho de sentir.
 Mas não posso olhar adiante para revelar.
 Olhe para o tempo que irei viver.
 Alimentado pelo tubo enfiado em mim.
 Como uma novela do tempo da guerra.
 Preso a máquinas que me fazem respirar.
 Corte esta vida de mim.
 Prendo minha respiração enquanto desejo a morte.
 Por favor, Deus, me acorde.
 (tradução nossa).

O trecho acima explicita um sujeito que convive no presente com um passado que não quer passar. Diante da iminência da morte, as lembranças da dor e tortura dos tempos de guerra, voltam como uma espécie de novela através de sua memória. Dilton Maynard^{XI} apontou o quanto a memória tem sido cristalizada de diversificadas maneiras na contemporaneidade, graças à tecnologia que possibilitou tal diversidade. Desta feita, os filmes, as fotografias e as canções, entre outras ferramentas, ajudam a relatar determinados tipos de memória armazenadas nos sujeitos que a vivenciaram. Por sua vez, Henry Rousso^{XII}

“THE WAR THAT NEVER ENDS”: OS SENTIDOS DA GUERRA NAS CANÇÕES DO METALLICA

TRINDADE, M.P.A.

ressaltou a importância que a memória teve no sentido de colaborar para a formação da própria identidade da História do Tempo Presente. Recorrendo à memória, a HTP buscou realizar a interação entre presente e passado, a partir de questões formuladas no presente, em seu próprio tempo. A partir dessa lógica de análise, percebe-se que acontecimentos e aspectos que ocorreram no passado ganhavam um novo sentido no presente, aliás, permitiram ao indivíduo compreender, muitas das vezes, a si mesmo.

Contudo, esse mesmo indivíduo se modifica com o passar do tempo e, portanto, as perspectivas que eles possuem acerca dos acontecimentos e memórias do passado, bem como em relação ao seu presente também se transformam. Hobsbawm realizou tal constatação ao revelar que os sujeitos sempre falarão a partir de determinado tempo e lugar, de acordo com o tipo de subjetividade de cada um, buscando, entre outros aspectos, corrigirem sua própria memória,

(...) para qualquer pessoa de minha idade que tenha vivido todo o século XX ou a maior parte dele, isso é também, inevitavelmente, uma empresa autobiográfica. Trata-se de comentar, ampliar (e corrigir) nossas próprias memórias. E falamos como homens e mulheres de determinado tempo e lugar, envolvidos de diversas maneiras em suas histórias como atores de seus dramas – por mais insignificantes que sejam os nossos papéis –, como observadores de nossa época e, igualmente como pessoas cujas opiniões sobre o século foram formadas pelo que viemos considerar acontecimentos cruciais^{XIII}.

É mediante a tantas modificações de perspectiva e/ou de sentidos acerca dos acontecimentos pelos quais estamos sujeitos, que falaremos sobre a segunda canção do Metallica, *The Day That Never Comes* (O Dia Que Nunca Chega).

A canção escolhida foi composta por James Hetfield, Kirk Hammett, Robert Trujillo (1964-) e Lars Ulrich e integra a quarta faixa do álbum *Death Magnetic*, lançado em 2008. O seu videoclipe foi filmado no deserto nos arredores de Los Angeles, Califórnia, no mesmo ano em que a canção foi lançada, tendo como direção o cineasta dinamarquês Thomas Vintenbergh. Mais uma vez mostrando um cenário de guerra, semelhantemente ao panorama da canção *One*, no videoclipe da canção *The Day That Never Comes* aparece um veículo que carrega um grupo de soldados americanos pelo local quando, de repente, há uma grande explosão. Um dos soldados está machucado e sangrando. Por sua vez, outro soldado corre para ajudá-lo com um kit de primeiros socorros, começando a tratar seus ferimentos. Alguns minutos depois, um helicóptero se aproxima e o soldado ensanguentado é levado a um ambiente mais seguro, sendo assistido por um grupo de médicos militares bem preparados. O videoclipe é encerrado com um encontro inicialmente conflituoso entre os soldados americanos e um casal provavelmente de mulçumanos, mas que no final, o aparente conflito termina numa rendição de paz por parte dos EUA.

É notável percebermos não obstante terem se passado duas décadas desde a gravação de *One*, já no século XXI, que o Metallica volte a tocar novamente no tema da guerra em mais um de seus trabalhos. A recorrência do tema é um ponto em comum entre as duas canções, um eixo de comparação que permite examinarmos as semelhanças e diferenças que se estabelecem a partir do tipo de perspectiva que a banda faz da guerra. No caso da segunda canção, embora a narrativa possua um enfoque voltado para uma guerra, como diríamos propriamente dita, com a utilização de termos que nos remetam a esse tipo de conflito (agachar, rastejar, revanche), podemos verificar algumas diferenças na forma como os compositores conceberam a guerra nesse momento.

“THE WAR THAT NEVER ENDS”: OS SENTIDOS DA GUERRA NAS CANÇÕES DO METALLICA

TRINDADE, M.P.A.

Primeiramente, devemos contextualizar o período em que a canção foi lançada. Os EUA estavam travando uma guerra contra o Iraque desde 2003, estendendo-se até 2011, data em que os americanos retiraram suas tropas completamente do Iraque após oito anos de ocupação. O conflito aconteceu no contexto da Guerra ao Terror, lançada pelo presidente americano George W. Bush (1946 -) após os atentados de 11 de setembro de 2001. Apoiado pelo Reino Unido e por outras nações aliadas, os EUA empreenderam uma forte campanha de bombardeamento aéreo contra as principais cidades do Iraque, principalmente Bagdá. Diante disso, o exército iraquiano foi rapidamente derrotado pelas tropas ocidentais encabeçadas pelos EUA e, em menos de um mês, conseguiu tomar conta do país. Luiz Carlos Bresser Pereira relatou ainda em 2003, como a guerra contra o Iraque representaria um dos maiores equívocos para a história dos Estados Unidos,

A guerra contra o Iraque ficará provavelmente na história dos Estados Unidos como um dos grandes equívocos de seu governo. A decisão unilateral desse país de iniciar a guerra terminou em vitória militar, mas, com o transcorrer do tempo, provavelmente veremos que resultou em derrota política, na medida em que seu caráter unilateral conflitou com a lógica básica da globalização. As seis milhões de pessoas que se reuniram para protestar no dia 15 de fevereiro de 2003, principalmente nos países cujos dirigentes estavam apoiando a guerra, foram uma indicação clara da existência da sociedade civil mundial. (...) Terminada a guerra, a hegemonia americana, ao invés de haver se afirmado, ficará provavelmente prejudicada; a maior segurança pretendida pela guerra resultará no seu contrário: em reforço do terrorismo, em maior insegurança em todo o mundo, e em maior instabilidade política no Oriente Médio^{XIV}.

Portanto, em 2008 a guerra contra o Iraque ainda estava em curso embora caminhasse aos poucos para seu desfecho. Em *The Day That Never Comes*, o Metallica expõe o paradoxo entre o sentimento de revanche suscitado na guerra, de uma justa vingança contra o inimigo e, por outro lado, do amor ao próximo que tem o poder de quebrar barreiras e pôr fim até mesmo numa guerra, conforme observamos nos seguintes trechos,

Deus, eu os farei pagar^{XV}.
Uma revanche um dia.
Eu terminarei este dia.
Eu derramarei cor neste cinza.
O amor é uma palavra de quatro letras.
E nunca dita aqui.
O amor é uma palavra de quatro letras.
Aqui nesta prisão.
Eu não sofro mais disso.
Eu colocarei um fim nisso, eu juro.
Isto, eu juro.
Isto, eu juro.
Isto, eu juro.
(tradução nossa).

Enquanto em *One* a banda manifesta um sentimento claro de repúdio perante os efeitos da guerra, exibindo um tom mais pessimista em relação ao futuro, na segunda canção, existe uma contradição de sentimentos em torno da guerra, por um lado, de adesão, mas, por outro, de afastamento, cujo amor e perdão servem como combustível para a busca de um mundo melhor, onde o indivíduo é capaz de alterar o destino da guerra ou o seu próprio destino. Essa comparação entre as diferentes perspectivas realizadas pela banda no que tange à guerra demonstra como a nossa visão de mundo e mesmo como o passado é constantemente ressignificado. Ao abordar a guerra como uma forma de compreensão do seu próprio

“THE WAR THAT NEVER ENDS”: OS SENTIDOS DA GUERRA NAS CANÇÕES DO
METALLICA

TRINDADE, M.P.A.

sentimento em relação ao presente, o Metallica acaba transmitindo a mensagem de ponderação e autoanálise que o sujeito faz de si mesmo diante de um conflito,

Bocas tão cheias de mentiras^{XVI}.

Tendem a bloquear seus olhos.
Apenas os mantenham fechados.
Continue rezando.

Apenas continue esperando.
Esperando por ele.
O dia que nunca chega.
Quando você se levanta e sente o calor.
Mas a luz do sol nunca vem.
Não, a luz do sol nunca vem
Te empurre para o outro lado.
Apenas permaneça agachado desta vez.
Escondido dentro de si.
Rastejando dentro de si.
Sua hora chegará.
(tradução nossa).

O desalento e desabafo perante a situação vivida no presente expostos nesse trecho, assemelham-se com a primeira canção. No entanto, a ponderação diante dos obstáculos e a esperança que tudo em breve passará, constituem aspectos distintos da canção anterior. Avançando mais um pouco, oito anos depois, Metallica volta novamente a tratar sobre guerra através da canção *Confusion* (Confusão), do álbum *Hardwired... to Self-Destruct*, lançado em 2016. A canção foi composta por Hetfield e Ulrich e observamos, à semelhança de *One* e *The Day That Never Comes*, a recorrência do tema guerra principalmente no que concerne, mais uma vez, à utilização de termos como (batalha, cicatriz, guerra), entre outros, conforme verificamos abaixo:

Deixe o campo de batalha^{XVII}.
Ainda que seus horrores nunca cicatrizem.
Voltando para a casa da guerra.
As peças não se encaixam mais.
Faça isso ir embora.
Por favor, faça isso ir embora.
(tradução nossa).

Além das expressões que remetem à guerra, comuns nas três canções selecionadas, as lembranças dolorosas do passado que insistem em atormentar os indivíduos marcados pela experiência de guerra também aparecem em sintonia nas mesmas. No caso da *Confusion*, esse aspecto evidencia-se de forma repetida,

Confusão^{XVIII}.
Toda a sanidade agora está além de mim.
Ilusão.
Toda a sanidade é apenas uma memória.
Minha vida, a guerra que nunca termina.
Confusão.
Toda a sanidade agora está além de mim.

Ilusão.
Fogo cruzado ricocheteia dentro de mim.

“THE WAR THAT NEVER ENDS”: OS SENTIDOS DA GUERRA NAS CANÇÕES DO METALLICA

TRINDADE, M.P.A.

Preso em uma memória para sempre.

Minha vida, a guerra que nunca termina.
(tradução nossa).

Entretanto, embora existam semelhanças entre as três composições da banda, podemos perceber um ponto que diferencia e singulariza a terceira canção perante as demais, a guerra cotidiana. Enquanto que nas duas canções anteriores Metallica realiza uma narrativa voltada para o sentido da guerra propriamente dita, salvo suas devidas especificidades, *Confusion* apresenta uma perspectiva de que cada indivíduo trava sua própria guerra, dia-a-dia. A estrofe a seguir demonstra isso muito bem,

Acorde para enfrentar o dia^{XIX}.
Pegue esta vida e vá.
A guerra nunca acaba.
Esfregue os curativos e continue a batalha.
Faça isso ir embora.
Por favor, faça isso ir embora.
(tradução nossa).

Nessa canção, o Metallica não faz menção a nenhuma guerra oficial. O campo de batalha não é o da Primeira ou Segunda Guerra, nem tampouco as selvas do Vietnã ou os desertos do Iraque. Desta vez o campo de batalha é o nosso próprio cotidiano e nós, representamos os destemidos soldados que, embora feridos, nunca devem cansar de lutar. Ao revelar que a luta deve ser contínua e que a guerra nunca acaba, a banda reforça o caráter de permanência, no conflito, não sem também sugerir um enfoque motivacional como lição a ser aprendida.

Considerações

As produções artísticas como a música, o filme e a pintura costumam representar, entre outras produções, tipos de fontes muito utilizadas pela História do Tempo Presente, por conta de sua capilaridade. No caso das canções, elas possuem a capacidade de expandir-se no tempo, de fazer sentido não só no período em que foram lançadas. Na verdade, elas ultrapassam o tempo. A mensagem difundida e os acontecimentos narrados pelas canções são transmitidos não somente à sua geração, mas repercutirão, de diferentes maneiras e a partir de novos problemas levantados a gerações futuras.

Além disso, tal expansão não provoca apenas uma constante ressignificação que as futuras gerações atribuem às canções lançadas em décadas anteriores. Os próprios artistas, ao longo de suas trajetórias, reestruturam a maneira de ver o mundo e a si mesmos e isso implica necessariamente no tipo de narrativa, no sentido que estes sujeitos dão aos acontecimentos que os rodeiam. Sendo assim, a História do Tempo Presente, enquanto operação historiográfica possibilita problematizar através da variedade de fontes abarcadas por ela, esses aspectos ligados às ressignificações, às mudanças de sentido e/ou perspectivas referentes ao passado, através do presente, pois, ambos estão sempre em permanente diálogo.

No caso da História Comparada enquanto método de análise adotada nesse trabalho, ela se conecta à HTP, tanto no que tange ao tipo de fonte selecionado, mas também no sentido de ajudar a percebermos como o passado e presente são fluídos, constituindo-se apenas em um instante. Analisando o que continuou sendo recorrente e quais as diferenças e semelhanças no que tange às mudanças de sentido que a Metallica fez da guerra em períodos distintos nas

“THE WAR THAT NEVER ENDS”: OS SENTIDOS DA GUERRA NAS CANÇÕES DO
METALLICA

TRINDADE, M.P.A.

três canções selecionadas, compreendemos o quanto a banda compartilhou seu sentimento em torno do presente em cada momento, em cada temporalidade, demonstrando, assim, os diversos tipos de comparações e especificidades que os objetos e as próprias ações humanas possuem diante do tempo presente.

Notas

^I Doutoranda pelo Programa de História Comparada (PPGHC), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Licenciada em História (DHI) e Mestra em Educação (PPGED) pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professora Substituta de História do Colégio de Aplicação (CODAP/UFS) e da Secretaria do Estado da Educação de Sergipe (SEDUC).

^{II} Confusão / Toda a sanidade agora está além de mim / Ilusão / Toda a sanidade é apenas uma memória / Minha vida, a guerra que nunca termina (tradução nossa).

^{III} BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. In: **Usos e abusos da História Oral**. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). 7 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 219 – 229.

^{IV} BLOCH, Marc. Para uma história comparada das sociedades europeias. In: - **História e Historiadores**. Lisboa: Teorema, 1998. p. 119-150.

^V PONTE, Helder. A História Comparada. In: **Um Pouco de Historiografia**. Disponível em: <http://umpoucodehistoriografia.blogspot.com.br/2007/05/45-histria-comparada.html>.

^{VI} BARROS, José D'Assunção. **História Comparada**. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 18.

^{VII} HOBSBAWM, Eric. **A era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

^{VIII} HOBSBAWM, Eric. **A era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 110.

^{IX} *I can't remember anything / Can't tell if this is true or dream / Deep down inside I feel to scream / This terrible silence stops me / Now that the war is through with me / I'm waking up, I can now see / That there's not much left of me / Nothing is real but pain now / Hold my breath as I wish for death / Oh please God, wake me.* One, Metallica. Álbum And Justice for All, 1988. Gravadora: Elektra Records. Duração: 7:24min.

^X *Back in the womb it's much too real / In pumps life that I must feel / But can't look forward to reveal / Look to the time when I'll live / Fed through the tube that sticks in me / Just like a wartime novelty / Tied to machines that make me be / Cut this life off from me / Hold my breath as I wish for death / Oh please God, wake me.* One, Metallica. Álbum And Justice for All, 1988. Gravadora: Elektra Records. Duração: 7:24min.

^{XI} MAYNARD, Dilton. História em horas extremas: anotações sobre o tempo presente. In: MAYNARD, Andreza, MAYNARD, Dilton. *Visões do Mundo Contemporâneo*. V. 2. São Paulo, LP Books, 2013. p. 161, 162.

^{XII} ROUSSO, Henry. **Sobre a História do Tempo Presente**. Tempo e Argumento: Revista do Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, v.1, n.1, p. 201 – 216, jan./jun. 2009.

^{XIII} HOBSBAWM, Eric. **A era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.12.

^{XIV} PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. **O Gigante fora do tempo: a guerra do Iraque e o sistema global**. Política Externa 12 (1), junho – 2003, p. 1.

^{XV} *God, I'll make them pay / Take it back one day / I'll end this day / I'll splatter color on this gray / Love is a four letter word / And never spoken here / Love is a four letter word / Here in this prison / I suffer this no longer / I'll put an end to this, I swear / This, I swear, the sun will shine / This, I swear / This, I swear / This, I swear.* The Day That Never Comes, Metallica. Álbum Death Magnetic, 2008. Gravadora: Warner Bros. Duração: 7:56min.

^{XVI} *Mouth so full of lies / Tend to block your eyes / Just keep them closed / Keep praying / Just keep waiting / Waiting for the one / The day that never comes / When you stand up and feel the warmth / But the sunshine never comes / No, the sunshine never comes / Push you cross that line / Just stay down this time / Hide in yourself / Crawl in yourself / You'll have your time.* The Day That Never Comes, Metallica. Álbum Death Magnetic, 2008. Gravadora: Warner Bros. Duração: 7:56min.

^{XVII} *Leave the battlefield / Yet it's horrors never heal / Coming home from war / Pieces don't fit anymore / Make it go away / Please, make it go away.* Confusion, Metallica. Álbum Hardwired... to Self – Destruct, 2016. Gravadora: Blackened Recordings. Duração: 06:43.

^{XVIII} *Confusion / All sanity is now beyond me / Delusion / All sanity is but a memory / My life, the war that never ends / Confusion / All sanity is now beyond me / Delusion / Crossfire ricochets inside me / Trapped in a memory*

“THE WAR THAT NEVER ENDS”: OS SENTIDOS DA GUERRA NAS CANÇÕES DO
METALLICA

TRINDADE, M.P.A.

forever / My life, the war that never ends. Confusion, Metallica. Álbum *Hardwired... to Self – Destruct*, 2016. Gravadora: Blackened Recordings. Duração: 06:43.

^{XIX} *Wake to face the day / Grab this life and walk away/ War is never done / Rub the patch and battle on / Make it go away / Please, make it go away.* Confusion, Metallica. Álbum *Hardwired... to Self – Destruct*, 2016. Gravadora: Blackened Recordings. Duração: 06:43.

Fontes

One, Metallica. Álbum *And Justice for All*, 1988. Gravadora: Elektra Records. Duração: 7:24min. Videoclipe disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EzgGTTtR0kc>. Acesso em 05/12/2020, às 15h39.

The Day That Never Comes, Metallica. Álbum *Death Magnetic*, 2008. Gravadora: Warner Bros. Duração: 7:56min. Videoclipe disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dkNfNR1WYMY>. Acesso em: 05/12/2020, às 15h45.

Confusion, Metallica. Álbum *Hardwired... to Self – Destruct*, 2016. Gravadora: Blackened Recordings. Duração: 06:43. Videoclipe disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZChXK2rdr9M>. Acesso em: 05/12/2020.

Bibliografia

BARROS, José D'Assunção. **História Comparada**. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 18.

BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. In: **Usos e abusos da História Oral**. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). 7 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 219 – 229.

BLOCH, Marc. Para uma história comparada das sociedades europeias. In: - **História e Historiadores**. Lisboa: Teorema, 1998. p. 119-150.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MAYNARD, Dilton. História em horas extremas: anotações sobre o tempo presente. In: MAYNARD, Andreza, MAYNARD, Dilton. **Visões do Mundo Contemporâneo**. V. 2. São Paulo, LP Books, 2013. p. 161, 162.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. **O Gigante fora do tempo: a guerra do Iraque e o sistema global**. *Política Externa* 12 (1), junho – 2003, p. 1.

PONTE, Helder. A História Comparada. In: **Um Pouco de Historiografia**. Disponível em: <http://umpoucodehistoriografia.blogspot.com.br/2007/05/45-histria-comparada.html>.

“THE WAR THAT NEVER ENDS”: OS SENTIDOS DA GUERRA NAS CANÇÕES DO
METALLICA

TRINDADE, M.P.A.

ROUSSO, Henry. **Sobre a História do Tempo Presente**. Tempo e Argumento: Revista do Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, v.1, n.1, p. 201 – 216, jan./jun. 2009.